

Asociación Uruguaya de Historia Económica

5º Jornadas de Investigación

22- Magnitudes micro y macro-económicas en períodos pre-estadísticos: el Río de la Plata en los siglos XVIII y XIX

A população da Freguesia da Franca (Capitania de São Paulo – Brasil): transformações e adaptações 1800 – 1820.

Marina Costa de Oliveira*

No início do século XIX, ocorreu a efetiva ocupação populacional na região nordeste da Capitania e depois Província de São Paulo, parte integrante dos domínios da América portuguesa.

Consideráveis alterações demográficas ocorreram na Capitania de São Paulo ligada às grandes fazendas com cultivos geralmente destinados ao mercado externo como as grandes plantações de açúcar nas áreas de Campinas, Jundiaí, Itu e Sorocaba, e as lavouras de café no Vale do Paraíba.¹

Nos anos finais do período colonial, na Capitania de Minas Gerais, durante a diminuição das atividades mineradoras² e o crescimento da produção agropecuária³, ocorreu um notável aumento dos mercados locais e regionais, incluindo a instalação da Corte no Rio de Janeiro. As mercadorias mineiras eram escoadas por vários caminhos que ligavam as Capitanias de Minas Gerais e São Paulo, estimulando o povoamento, gerando riquezas e comunicação entre as diferentes regiões.⁴ Esse é o caso do Sertão do Rio Pardo, área correspondente à freguesia de Nossa Senhora da Conceição da Franca e Rio Pardo⁵ (parte da região do Nordeste Paulista), que devido a *Estrada dos Goyazes*, teve a sua povoação e dinamização de sua economia.⁶

O povoamento do Nordeste Paulista no século XVIII⁷ estava ligado aos pousos destinados ao abastecimento dos viajantes e de suas tropas na *Estrada dos Goyazes*,

* Mestranda em História – UNESP/BRASIL. Bolsista do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). E-mail: marinacostaoliveira@yahoo.com.br

Professor-orientador: Dr. Lélío Luiz de Oliveira

¹ Petrone, M. T. S. **A lavoura canavieira em São Paulo: expansão e declínio (1765 – 1851)** São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1968 e Cano, W. **Ensaio sobre a formação econômica regional do Brasil**. Campinas: Editora Unicamp, 2002.

² Furtado, C. **Formação econômica do Brasil**. São Paulo: Nacional, 1995.

³ Lenharo, A. **As tropas da moderação: o abastecimento da corte na formação política do Brasil, 1808 – 1822**. São Paulo: Símbolo, 1979.

⁴ Oliveira, L. L. **Economia e História Franca século XIX**. Franca: UNESP-FHDSS: Amazonas Prod. Calçados S/A, 1997.

⁵ Em 1805, foi criada a Freguesia de Nossa Senhora da Conceição da Franca e Rio Pardo, No ano de 1821, Franca foi elevada a categoria de Vila Franca d'El Rey, contudo a Câmara foi instalada apenas em 1824, quando o nome foi modificado para Vila Franca do Imperador. Bacellar, C. A. P e Brioschi, L. R. **Na estrada do Anhanguera. Uma visão regional da história paulista**. São Paulo: Humanitas FFLCH/USP P.81, 1999.

⁶ Chiachiri, José Filho. **Do Sertão do rio pardo a vila Franca do imperador**. Franca, 1973 Tese (Doutorado). Faculdade de Filosofia Ciência e Letras, Universidade Estadual Paulista e Oliveira, L. L. **Economia e História Franca século XIX**. Franca: UNESP-FHDSS: Amazonas Prod. Calçados S/A, 1997.

⁷ No início do século XVIII, o território do Nordeste Paulista era terra de índios Cayapós. Ravagnane, Z. P. O. **Dados históricos e arqueológicos dos primeiros habitantes do Nordeste Paulista**. Boletim Histórico de ciências correlatas, Franca, Ano II, nº4 p.50-57, 1970.

tratando-se de uma população pequena e dispersa, oriunda de São Paulo, que se fixou pelo caminho com domicílios compostos de uma família, poucos escravos e alguns agregados que perfaziam uma economia destinada para o consumo local de gêneros de subsistência e escoavam os seus excedentes com os viajantes da Estrada.⁸

Nas décadas iniciais do século XIX, ocorreu a ocupação efetiva do Nordeste Paulista com migrantes mineiros, principalmente oriundos do sul de Minas, que buscavam novas áreas para a ampliação da produção de gêneros para o mercado interno, baseada especialmente na pecuária.⁹

Dentre esses migrantes mineiros destaca-se Hipólito Antônio Pinheiro que chegou para habitar esses sertões no início do século XIX, e substituiu em 1804 o posto vago de Capitão de Ordenanças, ocasião em que são dados os primeiros atos para a fundação de um povoado com solicitações de criação de uma freguesia.¹⁰

Na administração colonial se fazia presente à intervenção da Igreja e de seus ministros, dessa maneira a divisão administrativa da colônia era em capitanias, comarcas e termos que continham uma subdivisão eclesiástica em bispados e freguesias.¹¹

Em 1805, Hipólito Antônio Pinheiro, solicitou intervenção do governador da Capitania de São Paulo, o General Antônio da Franca e Horta, as autoridades eclesiásticas para a criação de uma Freguesia no território devido às dificuldades e a distância da Vila de Mogi Mirim e que nessa região havia se fixado o vigário Joaquim Martins Rodrigues, “sendo apontado como um homem íntegro no dever e um bom pastor”.¹²

Com a interferência do governador Franca e Horta, junto ao bispo D. Mateus de Abreu Pereira têm-se a transferência da Freguesia de Nossa Senhora da Conceição do Bonsucesso do Descoberto do Rio Pardo (atual cidade de Caconde/SP), para o Belo Sertão da Estrada de Goyazes ou Arraial do Sertão do Capim Mimoso, criando-se a Freguesia de Nossa Senhora da Conceição da Franca e Rio Pardo, tornando-se ponto de referência regional. Segundo Brioschi: “A base de referência será a Freguesia da Franca, cujos limites se estenderiam desde o Ribeirão do Cubatão (que deságua no Rio Pardo até o Rio Grande, ficando a leste os indecisos limites com a Capitania das Minas Gerais e a oeste o Sertão ainda inconquistado”¹³ A nova freguesia passa a ter como Capitão o responsável pela sua legalização e definição de seu núcleo urbano.¹⁴

Baseando-se nas Listas Nominativas de Habitantes¹⁵ dos anos de 1801 a 1820 da Freguesia de Nossa Senhora da Conceição da Franca e Rio Pardo e posteriormente Vila

⁸ Chiachiri, José Filho. **Do Sertão do rio pardo a vila Franca do imperador**. Franca, 1973 Tese (Doutorado). Faculdade de Filosofia Ciência e Letras, Universidade Estadual Paulista

⁹ Oliveira, L. L. **Economia e História Franca século XIX**. Franca: UNESP-FHDSS: Amazonas Prod. Calçados S/A, 1997.

¹⁰ Santos. W **Subsídios Históricos**. Arquivo Histórico Municipal de Franca.

¹¹ Prado Jr, C. **Formação do Brasil Contemporâneo**. Editora Brasiliense, 1961. Bacellar, C. A. P e Brioschi, L. R. **Na estrada do Anhanguera. Uma visão regional da história paulista**. São Paulo: Humanitas FFLCH/USP, 1999.

¹² Por convite de Hipólito Antônio Pinheiro o vigário Joaquim Martins Rodrigues, mineiro, se fixou na região em 1804. In: Santos. W **Subsídios Históricos**. Arquivo Histórico Municipal de Franca.

¹³ Brioschi, L. R. **Entrantes no sertão do Rio Pardo: o povoamento da freguesia de Batatais – século XVIII e XIX**. São Paulo: CERU, 1991.

¹⁴ Ibidem;

¹⁵ As Listas Nominativas são recenseamentos elaborados pelos membros das Companhias de Ordenanças e, em geral, continham os fogos (domicílios) e seus respectivos moradores, sendo livres, agregados e escravos. As informações podem variar de acordo com a localidade e período, mas em geral, temos para cada indivíduo recenseado o prenome, a condição social, a cor e a idade. Para uma parcela da população,

Franca do Imperador (Franca/SP). Analisaremos primeiramente o início do século XIX (1801, 1803, 1805 e 1809) em que observamos uma população livre pequena, com poucos escravos e uma presença relativa de agregados, em uma economia destinada à produção de gêneros para o próprio consumo. Em segundo lugar, observamos a segunda década do século XIX (1820), em que, notamos um gradativo aumento da população livre e de seus cativos. O número de agregados permaneceu basicamente constante, a despeito do crescimento total da população. A economia tornou-se mais dinâmica com uma produção destinada à subsistência e a ampliação para os mercados locais e regionais.

A economia do Nordeste Paulista, mais especificamente do Sertão do Rio Pardo e da Freguesia da Franca, caracterizava-se pela diversificação das atividades produtivas e pelo seu caráter mercantil. Em 1801, as principais atividades econômicas eram: agricultura, pecuária e mineração. Em 1820, a lavoura e a criação de animais continuaram a ser a principal fonte de renda, porém houve o acréscimo de atividades de caráter mercantil com a presença de negociantes e comerciantes de sal.

Na Tabela 1.1, percebe-se a diversidade das atividades econômicas empreendidas nos fogos. O recenseador destacou que era recorrente a produção de milho.¹⁶ A predominância pode ser compreendida, devido às facilidades do plantio e os seus usos na alimentação como fubá, farinha e canjica e também para a engorda de animais como suínos que apresentavam uma criação bastante ampliada na segunda década do século XIX, no termo de Franca que era um dos maiores produtores de suínos da capitania de São Paulo.¹⁷

O comércio de bovinos, recenseado em 11 domicílios em 1801, 24 em 1803, 27 em 1805 e 45 em 1820, era feito com Minas Gerais em São João Del Rey, e com São Paulo em Sorocaba, Piracicaba, Mogi Guaçu e Jundiaí. O que denota os diversos contatos mercantis com várias outras regiões. A pecuária era o centro dinâmico da economia, pois essa funcionava como incentivadora de outras atividades como as manufaturas de couro, comércio de sal e agricultura de subsistência.¹⁸

em especial os “chefes dos fogos” tínhamos também o sobrenome, estado conjugal, ocupação, naturalidade, ocupação, relações de parentesco e subordinação socioeconômica. AESP, Listas Nominativas de Habitantes – Franca 1801, 1803, 1805, 1809, 1820.

¹⁶ A Lista Nominativa de 1809 não dispõe de informações referentes sobre o que era produzido em cada unidade, há apenas, referências como “plantou para o seu gasto”, “planta para o seu sustento” e “planta e cria”, devido a isso não foi possível averiguar e nomear o que era produzido.

¹⁷ Luna, F. V. e Klein, H. S. **Evolução da Sociedade e Economia Escravista de São Paulo, de 1750 a 1850**; tradução: Laura Teixeira Motta. São Paulo: Edusp, 2006 e Holanda. S. B. **Monções**. São Paulo: Brasiliense, 1989.

¹⁸ Oliveira, L. L. **Economia e História Franca século XIX**. Franca: UNESP-FHDSS: Amazonas Prod. Calçados S/A, 1997.

Tabela 1.1
Produção dos fogos
(Franca 1801 a 1820)

PRODUÇÃO FOGOS					
PRODUTOS/ANOS	1801	1803	1805	1809	1820
MILHO	10	15	46	-	215
FEIJÃO	7	8	24	-	202
ARROZ	1	4	2	-	25
FARINHA	2	3	-	-	3
ALGODÃO	1	-	2	-	30
FUMO	-	-	-	-	2
MAMONA	-	-	-	-	1
PORCO	3	3	-	-	83
VACUM	11	24	27	-	45
CAVALO	4	6	12	-	0
BOI	-	-	-	-	0
VACA	-	-	-	-	1
SAL	-	-	-	-	5
QUEIJO	-	-	-	-	6
OURO	1	2	-	-	0
ÁGUA	-	-	-	-	2

Fonte: AESP, Listas Nominativas de Habitantes – Franca 1801, 1803, 1805, 1809 e 1820.

A pecuária movimentava a economia local, desde a preparação das pastagens, cultivo de gêneros para o consumo dos indivíduos e do gado, até subprodutos destes, como o queijo¹⁹, o leite, a carne e o couro que era curtido e transformado em arreios, sela e botas.²⁰

A criação de suínos passou a ter maior representatividade nos domicílios na segunda década do século XIX, pois em 1801 ela estava presente em apenas três domicílios, enquanto que em 1820 era encontrada em 83 unidades produtoras da Freguesia de Franca, segundo as anotações encontradas nas listas nominativas de habitantes.²¹

O comércio de sal foi uma atividade que se desenvolveu devido à pecuária. O sal servia de alimento para o gado e como conservante da carne, vindo de Santos era estocado e comercializado no fluxo contrário do gado.²² Em 1801, não encontramos a comercialização de sal nos fogos, enquanto que em 1820, essa atividade estava presente em cinco domicílios, ainda segundo a Tabela 1.1.

Com uma economia de subsistência e abastecimento interno, o Termo de Franca possuía uma economia com certo dinamismo que justificava a presença e o aumento de uma população considerável tanto de livres como de escravos e que foi se modificando,

¹⁹ Nas Listas de Habitantes de 1801, 1803, 1805 e 1809 não encontramos referências a produtores de queijo. Na Lista de Habitantes de 1820, temos 6 comerciantes de queijo que produziram/comercializaram 1900 queijos ao total. AESP, Listas Nominativas de Habitantes – Franca 1801, 1803, 1805, 1809, 1820.

²⁰ Oliveira, L. L. **Economia e História Franca século XIX**. Franca: UNESP-FHDSS: Amazonas Prod. Calçados S/A, 1997.

²¹ AESP, Listas Nominativas de Habitantes – Franca 1801 e 1820.

²² Tosi, P. G. **Capitais do interior: Franca e a história da indústria coureiro-calçadista (1860-1945)**. Campinas, 1998. Tese (Doutorado) – Instituto de Economia, Universidade Estadual de Campinas. p.48.

paulatinamente, no decorrer do tempo.²³ Podemos observar essas mudanças ao compararmos os anos de 1801, 1803, 1805, 1809 e 1820. Notamos que com o deslocamento das famílias mineiras, com seus agregados e escravos, ocorreu o aumento do número de fogos de 66 em 1801, diminuindo para 64 em 1803, aumentando para 107 em 1805, 164 em 1809 e atingindo 379 em 1820.²⁴

O conceito de fogo empregado nas Listas Nominativas que tem várias interpretações, segundo Costa o fogo ou domicílio corresponde a: “*Edificação (ou conjunto de edificações) que se pode considerar como uma unidade habitacional*”.²⁵ Nota-se que o termo fogo coincide com domicílio, no qual vivem pessoas com laços de parentesco, ou com relações de dependência com o chefe do fogo que encabeçava o recenseamento e poderia ser ou não o chefe da família.

Em 1801, a população total do Sertão do Rio Pardo (incluindo livres, agregados e escravos) era em torno de 600 pessoas, sendo 337 livres, 167 agregados²⁶ e 96 escravos. No ano de 1803, a população total sofreu pequenas alterações, passando para 624 pessoas, sendo 329 livres, 217 agregados e 78 escravos. Os agregados, que mais cresceram no ano de 1803, o que pode ser explicado com o início das migrações dos mineiros para o Sertão. Em 1805, a população passa a ser de 712 indivíduos (356 livres, 106 agregados e 250 escravos) é nesse ano que os escravos ultrapassam os agregados. Em 1809, contava-se 1604 pessoas (878 livres, 395 agregados, 331 escravos) e com as migrações e aumento natural da população, em 1820, a população total (livres, agregados e escravos) já passava das três mil pessoas, sendo 1898 livres, 117 agregados e 1005 escravos.²⁷ (Tabela 1.2).

Tabela 1.2
Características gerais da população nos fogos
(Franca 1801 a 1820)

ANOS	1801	1803	1805	1809	1820
Nº de FOGOS	66	64	107	164	379
Nº TOTAL DE PESSOAS	600	624	712	1604	3020
Nº de LIVRES	337	329	356	878	1898
Nº de AGREGADOS	167	217	106	395	117
Nº de ESCRAVOS	96	78	250	331	1005

Fonte: AESP, Listas Nominativas de Habitantes – Franca 1801, 1803, 1805, 1809 e 1820.

A população escrava em 1801 representava 16% no total da população, elevando-se para 35% no total da população em 1805. O aumento no percentual de escravos deve-se em parte pelos entrantes mineiros que intensificaram o fluxo para o Nordeste Paulista a partir de 1805 e trouxeram consigo um número significativo de

²³ Oliveira, L. L. **Economia e História Franca século XIX**. Franca: UNESP-FHDSS: Amazonas Prod. Calçados S/A, 1997.

²⁴ AESP, Listas Nominativas de Habitantes – Franca 1801, 1803, 1805, 1809 e 1820.

²⁵ Costa, I. N. **Minas Gerais: estruturas populacionais típicas**. São Paulo: EDEC, 1982. p.85.

²⁶ Na presente análise, os agregados foram separados dos livres, para uma melhor compreensão, devido à relação de dependência que mantinham com o chefe do fogo. Em nossa dissertação os agregados serão analisados separadamente, sendo observado o seu sexo, idade, cor, estado conjugal e se praticavam a mesma atividade que o chefe do domicílio. Os agregados com sobrenome serão acompanhados ao longo dos anos na documentação com o objetivo de se averiguar se constituíram um próprio domicílio com dependentes. Foram considerados agregados, apenas aqueles que são apontados nessa categoria na documentação.

²⁷ Para se chegar as análises, foram feitas tabelas com o auxílio de computadores para cada domicílio de cada Lista Nominativa dos anos de 1801, 1803, 1805, 1809 e 1820. Os dados foram analisados por diferentes variáveis e podem passar por novas análises.

cativos. O declínio da participação dos escravos em 1809 pode ser explicado por um significativo aumento dos livres e agregados na população (Tabela 1.3).

Tabela 1.3
Características gerais da população
(Franca 1801 a 1820)

ANOS	1801	1803	1805	1809	1820
% de LIVRES no TOTAL da População	56%	53%	50%	55%	63%
% de AGREGADOS no TOTAL da População	28%	35%	15%	25%	4%
% de ESCRAVOS no TOTAL da População	16%	13%	35%	20%	33%
Média de LIVRE por FOGO	7,6	8,5	4,3	7,7	5,3
Média de ESCRAVOS por FOGO*	5	5,5	7,3	4,9	6,2

Fonte: AESP, Listas Nominativas de Habitantes – Franca 1801, 1803, 1805, 1809 e 1820.

* A média de escravos por fogo foi computada com base apenas nos domicílios que continham a posse de cativos.

Ao observarmos à média de habitante por fogo, notamos que em 1801 tinha, em média, 7,6 livres e cinco escravos em cada domicílio com escravos. Ao compararmos esses dados com os outros anos notamos uma queda na participação dos livres para 4,3 em 1805 e 5,3 em 1820 e um aumento dos escravos para 7,3 por fogo em 1805 e 6,2 em 1820. Essas duas situações, de ampliação da média de cativos por unidade e redução da presença do livre, podem ser explicadas pelo crescimento das escravarias, devido às migrações mineiras e a reprodução natural; e concomitante a esse processo a leve diminuição da presença do agregado (que representava 28% no total da população em 1801, decaindo para apenas 4% em 1820). As duas situações – ampliação da média de cativos por domicílio e a diminuição do livre, conjugado com a leve diminuição dos agregados – deve-se: ao fluxo migratório, a reprodução natural de livres e cativos e a dinamização da economia. Noutros termos, levas de proprietários de escravos chegam à região, trazendo consigo seus agregados, sabendo-se que ao mesmo tempo havia a possibilidade de compra e venda de escravos e a alteração da condição do agregado. O agregado, de difícil análise, pode ser visto no decorrer dos anos como alguém dependente de um proprietário, em seguida poderia tornar-se também dono de bens e até de escravos, inclusive podendo agregar outras pessoas. Não sendo rara a permanência durante todo o tempo na condição de agregado, nem sempre no mesmo fogo. Portanto, a condição de agregado poderia ser em grande parte passageira, dependendo das condições que se vinculava à sociedade a qual passava a pertencer.²⁸

A historiografia aborda a definição de agregado desde moradores de terra alheia, vivendo por sua própria conta e risco, porém com esquemas de dependência com o proprietário; até um parente, amigo, escravo alforriado ou como extensão da mão de obra familiar e escrava.²⁹

²⁸ Bacellar, C.A.P. Agregados em casa, agregados na roça: uma discussão. In: Silva, M.B.N. **Sexualidade, Família e Religião na Colonização do Brasil**. Lisboa: Livros Horizonte, 2001.

²⁹ Franco, M. S. C. **Homens livres na ordem escravocrata**. São Paulo: Fundação Editora UNESP, 1997. ; Mattoso, K. Q. **Família e sociedade na Bahia do século XIX**. Tradução: James Amado. São Paulo: Corrupio, 1988. ; Samara, E. M **Lavoura canavieira, trabalho livre e cotidiano Itu, 1780 - 1830**. São Paulo: Edusp, 2005. e Barickman, B.J. **Um contraponto baiano. Açúcar, fumo, mandioca e escravidão no Recôncavo, 1780 – 1860**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

Iraci Del Nero da Costa define os agregados como:

Indivíduos que se incorporassem a domicílios já constituídos e que, por via de consequência, passaram a manter com os chefes de tais domicílios um relacionamento de caráter pessoal que assumiu historicamente as mais diversas formas, excluídas a subordinação absoluta (escravismo) ou condicional (feudalismo) e, evidentemente, o assalariamento puro e simples. Também podiam ser considerados agregados os que, embora já integrantes do domicílio, viessem a experimentar importante mudança de status.³⁰

No Nordeste Paulista, no ano de 1801, contava-se 167 agregados que habitavam 38 domicílios, tendo em média 4,3 agregados por fogo. Em 1820, 107 agregados habitavam 31 domicílios, tendo em média 3,7 agregados por fogo. Ao longo de vinte anos, notamos um movimento cíclico da participação dos agregados nos domicílios (Tabela 1.4).

Tabela 1.4
Condição social e participação nos fogos
(Franca 1801 a 1820)

ANO	1801	1803	1805	1809	1820
Nº de FOGOS	66	64	107	162	379
Nº de FOGOS c/ AGREGADOS	29	29	20	47	15
Nº de FOGOS c/ ESCRAVOS	19	7	25	29	144
Nº de FOGOS c/ AGREG e ESC	9	8	11	38	16
Média de AGREGADOS por FOGO*	4,3	5,8	3,4	4,6	3,7

Fonte: AESP, Listas Nominativas de Habitantes – Franca 1801, 1803, 1805, 1809 e 1820.

* A média de agregados por fogo foi computada com base apenas nos domicílios em que estes foram recenseados.

Na comparação entre os anos 1801 e 1820, notamos que no início do século XIX, com o começo do afluxo de mineiros pelo *Caminho dos Goyazes* e a ampliação de suas atividades tradicionais de abastecimento interno a figura do agregado estava presente em 57% dos fogos do Sertão do Rio Pardo, o que demonstra, provavelmente, que muitos dos chefes dos fogos que aqui se estabeleciam traziam com o tempo os seus parentes e dependentes. Em 1820, com o aumento dos domicílios, da população livre e cativa, e com a dinamização da economia o agregado passa a estar presente em apenas 8% dos domicílios.

Ao observarmos os domicílios, notamos uma grande participação de mulheres agregadas, que se ocupavam de pequenos serviços ou atividades domésticas³¹. A explicação para essa ampla participação de mulheres pode ser a própria estrutura social

³⁰ Costa, I. N. **Por uma definição abrangente da categoria Agregado**. Boletim de História Demográfica, São Paulo, FEA-USP, 1 (1), 1994

³¹ Como exemplo, o domicílio de Bernardo Machado, viúvo, agricultor que em 1801 tinha 12 agregadas. AESP, Lista Nominativa de Habitantes. Franca 1801.

e as dificuldades de casamentos na sociedade colonial.³² Também notamos, que muitos agregados compartilhavam de escravos e negócios com o chefe do fogo, como em 1820, no domicílio de Hipólito Antônio Pinheiro (Capitão da 1ª Companhia de Ordenanças, agricultor e mineiro) havia dois agregados, o negociante Anselmo Ferreira Barcelos e o agricultor João Jose de Souza.³³

Ao analisar os domicílios, também foram observadas as médias de pessoas livres e escravas por unidade. Na Tabela 1.5, os fogos foram relacionados conforme as faixas de moradores/domicílio e a sua distribuição aparecem com participações semelhantes, tendo em todos os anos a maioria dos domicílios compostos com 8 ou mais moradores. As pessoas livres mais os escravos eram em média 9,9 em 1801, 9,7 em 1803, 6,6 em 1805, 9,7 em 1809 e 7,9 em 1820 por fogo.

Tabela 1.5
Faixas de habitantes por fogos
(Franca 1801 a 1820)

ANOS	1801	1803	1805	1809	1820
Faixas	Nº	Nº	Nº	Nº	Nº
De 01 a 04 PESSOAS	14	12	31	29	126
De 05 a 07 PESSOAS	16	12	28	39	114
De 08 ou mais PESSOAS	36	40	48	95	139

Fonte: AESP, Listas Nominativas de Habitantes – Franca 1801, 1803, 1805, 1809 e 1820.

Seguindo a classificação de Marcílio³⁴, os fogos da Freguesia de Nossa Senhora da Conceição da Franca eram predominantemente simples em todos os anos da análise. Tinham um único chefe de família, que é ao mesmo tempo era chefe do domicílio, não sendo a família simples ou conjugal, pois nessa categoria incluem-se famílias extensas com agregados solteiros ou viúvos sem filhos, com laços ou não de parentesco.

Em segundo vinham os fogos múltiplos, tinham como característica de sua composição a família principal do chefe do fogo com outras famílias conjugais livres que dependiam da primeira e com ela coabitavam.³⁵

Com a menor representatividade temos os fogos dos sem famílias que não estão presentes nos anos de 1803 e 1809 e eram formadas pelos solitários e por habitações coletivas (quartéis, conventos, fazendas com proprietários ausentes). Sabendo-se que no caso de Franca foi encontrado somente o caso de proprietários ausentes. Neste caso havia somente dois escravos aguardando o retorno do senhor.³⁶

³² Samara, E. M **Lavoura canavieira, trabalho livre e cotidiano Itu, 1780 - 1830**. São Paulo: Edusp, 2005.

³³ AESP, Lista Nominativa de Habitantes - Franca 1820.

³⁴ Marcílio, M. L. **Crescimento Demográfico e Evolução Agrária Paulista 1700-1836**. São Paulo: Hucitec, Edusp, 2000 p. 62 e 63.

³⁵ Ibidem;

³⁶ Os escravos eram: Antonia, 62 anos, solteira e parda e Joaquim, 27 anos, solteiro e pardo. Ambos aparecem como criadores de gado vacum e de propriedade do guarda-mor Ignácio preto ausente no domicílio. AESP, Listas Nominativa de Habitantes - Franca 1801.

Tabela 1.6
Classificação dos domicílios
(Franca 1801 a 1820)

ANOS	1801	1803	1805	1809	1820
CLASSIFICAÇÃO	Nº	Nº	Nº	Nº	Nº
SIMPLES	37	44	91	116	333
MÚLTIPLOS	28	20	15	47	34
SEM FAMÍLIAS	1	-	1	-	12

Fonte: AESP, Listas Nominativas de Habitantes – Franca 1801, 1803, 1805, 1809 e 1820.

Observamos que a maioria dos fogos possuía pequeno número de pessoas e a predominância de arranjos simples. Como explica Marcílio, devido às condições de vida com elevada mortalidade e de produção, dificultavam a vivência de fogos muito extensos:

A própria organização da produção agrícola, fundada em larga escala no sistema de roça de alimentos aberta na mata, não permitia a existência de casas com numerosas pessoas, de famílias extensas ou múltiplas. O precário patrimônio do camponês da roça de subsistência, a rusticidade de seu rancho de sapé - erguido para durar alguns poucos anos (pelo tempo que durasse a fertilidade do solo e de suas culturas) – as sucessivas mudanças de local de roça, todo esse sistema requeria a prevalência de agrupamentos familiares simples.³⁷

Após análise da economia e da população geral do Sertão do Rio Pardo e Freguesia da Franca, algumas características dos livres “cabeças do fogo” serão observadas com o intuito de se compreender as mudanças geradas pelas migrações espontâneas e forçadas, e pela dinamização da economia.

De acordo com a Tabela 1.7, no Sertão do Rio Pardo, em 1801, contava-se 65 chefes de domicílios, destes 55 eram homens e 10 mulheres. Em 1803 eram 64, sendo 56 encabeçados por homens e 8 por mulheres. Na Freguesia de Nossa Senhora da Conceição e Rio Pardo, em 1805, foram recenseados 107 “cabeças de fogo”. Estes se dividiam entre 98 homens e 9 mulheres. No ano de 1809, eram 164 chefes de domicílios divididos entre 144 homens e 20 mulheres. Em 1820, os chefes de domicílios dobram na Freguesia aumentando para 379. Destes 331 eram chefiados por homens e 48 por mulheres.

Tabela 1.7
Distribuição dos chefes de domicílios por sexo/ano
(Franca 1801 a 1820)

ANOS	1801	1803	1805	1809	1820
Chefes dos domicílios	Nº	Nº	Nº	Nº	Nº
HOMENS	55	56	98	144	331
MULHERES	10	8	9	20	48
TOTAL	65*	64	107	164	379

Fonte: AESP, Listas Nominativas de Habitantes – Franca 1801, 1803, 1805, 1809 e 1820.

* Não foi considerado um chefe de domicílio ausente no momento do recenseamento.

³⁷ Marcílio, op. cit. p.98.

Os indivíduos livres foram analisados em duas categorias: os proprietários de escravos e os não-proprietários, pois a presença do elemento cativo no domicílio modificava a composição familiar como também a riqueza do “chefe do fogo”. A posse de cativos representava papel decisivo na produção e acumulação de bens, sendo a principal forma de “estoque de riqueza” no Nordeste Paulista, no período trabalhado.³⁸

Em 1801, no Sertão do Rio Pardo, contava-se 66³⁹ fogos, dos quais 18 tinham em sua composição a participação do escravo, sendo 15 chefiados por homens (83,0%) e três por mulheres (17,0%). Em 1803 eram 64 domicílios, sendo 11 (79,0%) com chefes homens e três (21,0%) com chefes mulheres. No ano de 1805, eram 107 fogos, sendo 34 com a posse de cativos, destes 32 eram comandados por homens (94,0%) e dois por mulheres (6,0%). No ano de 1809, eram 164 fogos, sendo 67 compostos por proprietários, destes 62 eram comandados por homens (93,0%) e 5 por mulheres (7,0%). Em 1820, eram 379 domicílios dos quais 160 tinham a presença do elemento cativo, sendo 145 (91,0%) chefiados por homens e 14 por mulheres (9,0%).

Tabela 1.8
Distribuição dos proprietários de escravos por sexo
(Franca 1801 a 1820)

PROPRIETÁRIOS	1801	1803	1805	1809	1820
Números Absolutos	Nº	Nº	Nº	Nº	Nº
HOMENS	15	11	32	62	145
MULHERES	3	3	2	5	15
Total	18*	14	34	67	160
PROPRIETÁRIOS	1801	1803	1805	1809	1820
Números Percentuais	%	%	%	%	%
HOMENS	83	79	94	93	91
MULHERES	17	21	6	7	9
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Fonte: AESP, Listas Nominativas de Habitantes – Franca 1801, 1803, 1805, 1809 e 1820.

* Não foi considerado um chefe de domicílio ausente no momento do recenseamento.

Nota-se que entre os chefes de fogos com escravos havia uma larga preponderância de homens, a saber, 83% em 1801 e 91% em 1820. Em comparação é possível citar outra localidade de economia de abastecimento interno, Araxá, (localidade situada no sertão da Farinha Podre, atual Triângulo Mineiro) observa-se que os homens chefes de fogos representavam 79% dos proprietários demonstrando uma maior participação das mulheres como detentoras da posse cativa.⁴⁰

O domicílio poderia ser tratado como uma unidade de produção e, por extensão, o chefe era a pessoa central desta unidade, sendo que as outras ocupações exercidas pelas demais pessoas, como por exemplo, os escravos e os agregados, estavam subordinadas ou associadas a ele.

Na Tabela 1.9, observa-se a distribuição dos proprietários de escravos conforme o sexo e a atividade econômica no domicílio.⁴¹ Em 1801, havia 18 proprietários de

³⁸ Oliveira, L. L. **Economia e História Franca século XIX**. Franca: UNESP-FHDSS: Amazonas Prod. Calçados S/A, 1997.

³⁹ Um domicílio não foi considerado na análise de chefes de domicílios devido à sua ausência no momento do recenseamento.

⁴⁰ Reis, Déborah O. M. dos. **Estrutura da posse de escravos nas atividades de subsistência de Araxá (MG), (1776-1848)**. Trabalho apresentado no XIV Encontro Nacional de Estudos Populacionais, ABEP, Caxambu- MG- Brasil, de 20 a 24 de setembro de 2004.p.5.

⁴¹ As Listas Nominativas de Habitantes, na maioria dos casos, apresentavam a ocupação apenas do chefe do domicílio, dessa maneira, as análises foram feitas apenas para esses indivíduos. As ocupações listadas

escravos, destes 15 eram homens, sendo seis designados como *agricultores*⁴² e *criadores*. Em 1820, foram contados 160 proprietários de cativos, destes 145 eram homens, sendo 112 agricultores e criadores. Houve um acréscimo dos domicílios com chefes ligados à agricultura e/ou pecuária, sendo 40% em 1801 e 77% em 1820. No primeiro ano a produção era visivelmente voltada para gêneros de subsistência, em contrapartida, no segundo ano analisado havia a comercialização de excedentes e produção para mercados locais e regionais. É o caso Manoel Nunes da Silva, homem branco, 44 anos, viúvo, com seis filhos, criador e agricultor, proprietário de 14 escravos e com uma agregada idosa em seu domicílio. Consta que plantou feijão e algodão e criou porco. Desses, comercializou 30 alqueires de algodão e seis porcos.⁴³

No ano de 1820, dentre os 112 agricultores e criadores, é possível citar cinco homens livres proprietários de escravos que também se dedicavam ao comércio de sal.⁴⁴ São eles Pedro Joze Teixeira, 44 anos, casado, branco, mineiro, criador e agricultor senhor de sete escravos vendeu 40 alqueires de sal; Manoel, 42 anos, casado, branco, mineiro, agricultor com cinco escravos plantou milho e feijão e foram recenseados 25 alqueires de sal em seu fogo; Luiz Neves, 35 anos, casado, branco, mineiro, criador e agricultor proprietário de um escravo plantou milho e feijão e vendeu 10 porcos e 25 alqueires de sal; João Glz. Da Costa, 58 anos, casado, branco, mineiro, criador e agricultor com a posse de 16 cativos plantou milho e feijão e vendeu 200 alqueires de sal e Altino Roiz Barros, 22 anos, casado, branco, mineiro, agricultor proprietário de um escravo plantou milho e feijão e vendeu 40 alqueires de sal.⁴⁵

Outro grupo presente naquele momento de proprietários do sexo masculino eram os designados como *lavradores*, que representavam 20% do total de proprietários masculinos. Foram assim classificados em virtude da Lista de Habitantes de 1801 não apresentar para esses casos os produtos e quantidades produzidas. Apenas há anotações como “*planta para o seu gasto*” ou “*planta para o seu sustento*”, ou seja, produziam apenas para a mera subsistência. Por outro lado, nos documentos de 1820, encontram-se referências sobre a produção dos bens – gêneros alimentícios e outros – destinados ao mercado, o que denota mais uma vez a ampliação das atividades que geravam excedentes para a comercialização. (Tabela 1.9)

seguem a documentação. Para outra classificação ver: Costa, I.D.N e Nozoe, N.H. **Economia colonial brasileira: classificação das ocupações segundo ramos e setores**. Estudos Econômicos, São Paulo, 17 (1): 69-87, jan./abr. 1987.

⁴² Foram somadas em 1801 e 1820 as seguintes categorias: agricultores e criadores e agricultores.

⁴³ AESP, Lista Nominativa de Habitantes – 1820. Fogo 15.

⁴⁴ Os comerciantes de sal não foram encontrados nas Listas de Habitantes de 1801, o que denota a ampliação da pecuária como centro dinâmico da economia.

⁴⁵ AESP, Listas Nominativas de Habitantes - Franca 1820 Fogos 50, 27, 62, 130 e 32.

Tabela 1.9
Distribuição dos proprietários de escravos conforme o sexo e as atividades econômicas
de seus domicílios
(Franca 1801 a 1820)

ANOS	1801		1803		1805		1809		1820	
Ocupações Proprietários	H	M	H	M	H	M	H	M	H	M
Agricultor	2		1		8		3		52	4
Alfaiate							1		1	
Arte de solfar									1	
Barqueiro					1	0				
Carpinteiro	1								1	
Criador/Agricultor	4	1	5	2	10	2	24	3	60	7
Criador					1					
Feitor/Passador			1							
Ferreiro			1		1		1		1	
Jornaleiro	1									
Lavrador	3	1			1		28	2		
Mestre de Meninos									1	
Militar	1		1		1		1			
Mineiro		1		1			1		1	
Negociante									8	
Novo Entrante			1		6		1		9	
Oleiro									1	
Padre							1		1	
Passagem	3		1							
Pobre									3	4
Sapateiro									1	
Vigário					1		1		1	
Não Informada					2				3	
Total de ocupações	15*	3	11	3	32	2	62	5	145	15

Fonte: AESP Listas Nominativas de Habitantes – Franca 1801, 1803, 1805, 1809 e 1820.

*Na documentação de 1801, faltam informações sobre o proprietário de dois escravos criadores de gado vacum que não estava presente na unidade produtora.

Em 1801 encontram-se apenas três mulheres proprietárias de cativos. Um bom exemplo: Jozefa Maria Liz, 62 anos, viúva, parda, com oito agregados e nove escravos, mineira, sendo recenseadas 20 oitavas de ouro no seu domicílio em 1801.⁴⁶ Em 1820, foram encontradas 15 mulheres proprietárias de cativos, sendo 11 agricultoras e criadoras e quatro pobres (a designação de *pobres* não impedia neste caso de possuir escravos).⁴⁷

Quanto à distribuição dos proprietários de cativos conforme o sexo e a cor (Tabela 1.10) ressaltam-se o predomínio dos indivíduos de cor branca. Correspondiam a 73% em 1801, 57% em 1803, 76% em 1805 e 89% em 1809. Em 1820, a despeito do crescimento da população a porcentagem de brancos é idêntica, ou seja, 89%. Estes dados podem sofrer algumas poucas variações, porque o mesmo indivíduo que foi

⁴⁶ AESP, Listas Nominativas de Habitantes – Franca 1801. Fogo 51

⁴⁷ As mulheres pobres proprietárias de escravos possuíam quatro escravos juntas, sendo um escravo de 80 anos e um de 15 anos e duas escravas de 10 anos. AESP, Listas Nominativas de Habitantes – Franca 1820.

registrado em 1801 e novamente contado em 1820 pode ter a sua cor alterada de pardo para branco, conforme o critério do recenseador. Um exemplo é o caso de Manoel Pereira Pinto. Em 1803, quando começamos a acompanhá-lo como chefe de fogo ele foi recenseado com a cor parda, em 1805 continua como pardo. Nos anos de 1809 e 1820, passa a ser recenseado como branco.⁴⁸

Tabela 1.10
Distribuição dos proprietários de escravos conforme o sexo e cor
(Franca 1801 a 1820)

ANOS	1801		1803		1805		1809		1820	
Números Absolutos	Nº	Nº	Nº	Nº	Nº	Nº	Nº	Nº	Nº	Nº
COR/SEXO	M	H	M	H	M	H	M	H	M	H
BRANCO	1	10	2	6	2	24	4	56	9	132
PARDO	2	5	1	5	0	8	1	6	6	11
Total	3	15	3	11	2	32	5	62	15	143
Números Percentuais	%		%		%		%		%	
COR/SEXO	M	H	M	H	M	H	M	H	M	H
BRANCO	33	67	67	55	100	75	80	90	60	92
PARDO	67	33	33	45		25	20	10	40	8
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Fonte: AESP, Listas Nominativas de Habitantes – Franca 1801, 1803, 1805, 1809 e 1820.

*Exclusive indivíduos com cores não identificadas

Contrapondo os dados da Freguesia da Franca com os de Mogi Mirim,⁴⁹ (quando ainda possuía produção basicamente voltada para o mercado interno) no início dos oitocentos, observa-se que neste segundo município os proprietários brancos de escravos correspondiam a 94,8% do total e os pardos apenas 5,2%. Assim, nota-se uma maior concentração da posse escrava nas mãos de proprietários brancos em Mogi Mirim se comparado a Franca.

Levando-se em conta a tabela 1.11 é possível afirmar que a maioria dos proprietários de escravos (ponderando os dois sexos) eram casados seguidos por viúvos e solteiros.

Analisando os anos e os sexos separadamente, notamos que os homens *casados* representavam 93% em 1801, diminuindo para 90% em 1820. Entre 1801 e 1820, havia somente uma mulher *casada* Eufrasia Maria de Jesus 56 anos, branca, agricultora, tendo em sua companhia cinco filhos e a posse de cinco escravos no recenseamento de 1820⁵⁰. Esta mulher no momento do recenseamento, apesar de casada, devido à ausência do marido, estava comandando o fogo e conseqüentemente a família e a escravaria.

⁴⁸ AESP, Listas Nominativas de Habitantes – Franca 1803, 1805, 1809 e 1820.

⁴⁹ Soares, L. O. **No Caminho dos Goias: formação e desenvolvimento da economia escravista na Mogi Mirim do século XIX**. Dissertação (Mestrado). São Paulo: FFLCH/USP, 2003. p.74.

⁵⁰ AESP, Listas Nominativas de Habitantes – Franca 1820. Fogo 214.

Tabela 1.11
Distribuição dos proprietários de escravos conforme o sexo e o estado conjugal
(Franca 1801 a 1820)

ANOS	1801		1803		1805		1809		1820	
Números Absolutos	Nº	Nº	Nº	Nº	Nº	Nº	Nº	Nº	Nº	Nº
ESTADO CONJUGAL/SEXO	M	H	M	H	M	H	M	H	M	H
SOLTEIRO		1				3		6		7
CASADO		14		10		27		54	1	128
VIÚVO	3		3	1	2	2	5	2	14	8
Total	3	15	3	11	2	32	5	62	15	143
ANOS	1801		1803		1805		1809		1820	
Números Percentuais	%		%		%		%		%	
ESTADO CONJUGAL/SEXO	M	H	M	H	M	H	M	H	M	H
SOLTEIRO		7				9		10		5
CASADO		93		91		84		87	7	90
VIÚVO	100		100	9	100	6	100	3	93	6
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Fonte: AESP, Listas Nominativas de Habitantes – Franca 1801, 1803, 1805, 1809 e 1820.

*Exclusive indivíduos com estado conjugal não identificado

Os *solteiros* apenas homens, eram sete em 1801, 9 em 1805, 10 em 1809 recuando para cinco em 1820. Em toda a documentação havia apenas uma mulher proprietária solteira no ano de 1820. Maria Zeferina, parda, com 30 anos, solteira, criadora e agricultora, mãe de quatro filhos e senhora de 15 escravos.⁵¹ As mulheres somente eram em quantidade superiores entre os proprietários na viuvez. Foram preponderantes em todo o período pelo fato de que as mulheres somente tornavam-se proprietárias, na maioria das vezes, com o falecimento do cônjuge.

Em Areias (localidade situada no Vale do Paraíba paulista), a situação era semelhante a Franca. Com relação à situação conjugal, Luna demonstra que havia uma profunda diferença entre homens e mulheres. O autor ao analisar os proprietários segundo o sexo demonstra:

Caracterizava-se profunda diferença entre homens e mulheres. Nos primeiros, os casados perfaziam cerca de 80%, os solteiros cerca de 15% e os viúvos entre 3 a 8%%. Entre as mulheres, repetia-se a situação tradicional das proprietárias de escravos: expressiva maioria das viúvas, com aproximadamente 75%; as demais se dividiam de forma equilibrada entre casadas e solteiras.⁵²

De agora em diante a análise será sobre os indivíduos *livres não-proprietários de escravos*. Que representavam quantia expressiva da população, dedicando-se, pelo menos parte de seus integrantes à produção de bens comercializáveis.

⁵¹ AESP, Lista Nominativa de Habitantes – Franca 1820. Fogo 300.

⁵² Luna, Francisco Vidal. **Areias: posse de escravos e atividades econômicas (1817-1836)**. São Paulo: NEDH – FEA/USP, 1995.p.8.

O Sertão do Rio Pardo/Freguesia de Franca, contava em 1801, com 66 fogos, dos quais 48 não tinham a participação do cativo, sendo 40 chefiados por homens (85,0%) e 07 por mulheres (14,0%). Em 1803 eram 64 domicílios, sendo 50(90,0%) com chefes homens e cinco (10,0%) com chefes mulheres. No ano de 1805, eram 107 fogos, sendo 73 sem a posse de escravos, destes 66 eram comandados por homens (90,0%) e sete por mulheres (10,0%). No ano de 1809, eram 164 fogos, sendo 97 compostos de não-proprietários, destes 82 eram comandados por homens (85,0%) e 15 por mulheres (15,0%). Em 1820, eram 379 domicílios dos quais 219 não tinham a presença do elemento cativo, sendo 186(85,0%) chefiados por homens e 33 por mulheres (15,0%).

Tabela 1.12
Distribuição dos não proprietários de escravos conforme o sexo
(Franca 1801 a 1820)

NÃO PROPRIETÁRIOS	1801	1803	1805	1809	1820
Números Absolutos	Nº	Nº	Nº	Nº	Nº
HOMENS	40	45	66	82	186
MULHERES	7	5	7	15	33
Total	47	50	73	97	219
NÃO PROPRIETÁRIOS	1801	1803	1805	1809	1820
Números Percentuais	%	%	%	%	%
HOMENS	85	90	90	85	85
MULHERES	15	10	10	15	15
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Fonte: AESP, Listas Nominativas de Habitantes – Franca 1801, 1803, 1805, 1809 e 1820.

De acordo com a Tabela 1.13, nota-se que em 1801 a maioria dos *chefes de domicílio (considerando os dois sexos)*, *sem a posse cativa*, era de lavradores, enquanto que em 1820, a maioria foi classificada como agricultores. Essa diferença parece ser somente de nomenclatura deduzindo que as atividades econômicas tinham grande semelhança. A diferença talvez seja na dinâmica da economia de um período para o outro. Na documentação referente ao ano de 1801 não havia descrição dos produtos e das quantidades produzidas, o que há são apenas referências como “*planta para o seu sustento*” ou os dizeres: “*tudo consumiu*”. Já para o ano de 1820, mesmo nos fogos sem escravos apareceram descrições vinculadas a pequenas produções de bens em alimentícios e criação de uns poucos animais. Há inclusive citações sobre comercialização de milho e feijão, além de animais bovinos e suínos. Como exemplo, Manoel Luis Moreira que foi recenseado na companhia de sua esposa e sete filhos. Em 1820, foi declarado que o seu domicílio plantava milho e feijão; e criava gado. Nesse ano, Manoel vendeu, segundo a Lista Nominativa, um carro de milho e cinco bois.⁵³

Tabela 1.13

⁵³Fonte: AESP, Listas Nominativas de Habitantes – Franca 1801, 1803, 1805, 1809 e 1820.

Distribuição dos não proprietários de escravos conforme o sexo e as atividades
econômicas de seus domicílios
(Franca 1801 a 1820)

ANOS	1801		1803		1805		1809		1820	
Não Proprietários	H	M	H	M	H	M	H	M	H	M
Administrador									1	
Agricultor	3		4		9		2		73	11
Alfaiate			1						4	
Capitão de Assaltos									2	
Carpinteiro							1		7	
Corte de gado									1	
Criador/Agricultor	2	2	5	2	12	1	8	1	25	1
Criador			1						2	
Fazendeiro	1									
Ferreiro									1	
Jornaleiro	4		1		1		1		12	1
Lavrador	23	4	22	3	20	1	60	9	1	
Militar	6		3		4					
Mineiro					1					
Negociante			1		1		1		7	2
Novo Entrante					3		5	1	8	
Oficial									1	
Passagem			1							
Pedreiro									1	
Pesca			1		1					
Pintor									1	
Pobre/Lavrador			4							
Pobre		1			2	2	3	3	30	18
Sapateiro	1		1		2				6	
Tear					2					
Não Informados					8	3	1	1	3	
Total	40	7	45	5	66	7	82	15	186	33

Fonte: AESP, Listas Nominativas de Habitantes – Franca 1801, 1803, 1805, 1809 e 1820.

O responsável pelo recenseamento indicou alguns moradores como *pobres*, ao invés de anotar a ocupação⁵⁴. Em certos momentos citou: “*vivem pobres*” em outros momentos escreveu: “{*vivem de esmolas*}”. Em 1801, foi mencionado apenas um caso, contudo em 1820, essa forma de declarar as pessoas foi mais comum sendo anotados 28 *homens e 19 mulheres*. Para exemplificar selecionamos o domicílio de Manoel Roiz. Que pode ser acompanhado entre os anos de 1801 a 1820 na companhia de sua esposa e filhos. No ano de 1801, foi anotada, para o domicílio de Manoel, a observação de “*planta para o seu gasto*”. Em 1803, é acrescida a informação de que “*vive pobre*”. Em 1805, o censo destaca que Manoel “*nada plantou*” e em 1809 que ele novamente “*plantou*

⁵⁴ As indicações “pobres” foram incluídas na tabela de ocupações seguindo a descrição da documentação.

para o seu gasto” Em 1820, o domicílio de Manoel passa a ser caracterizado como “pobre” sem a menção de nenhuma plantação.⁵⁵

Como terceira ocupação entre os não-proprietários apareciam os jornaleiros, sendo quatro homens (10,0%) em 1801 e, em 1820, 12 homens (6,0%) e apenas uma mulher. É cabível notar que esta categoria apareceu somente entre os não-proprietários de escravos.

Os negociantes, presentes em apenas um caso em 1803, 1805 e 1809. Segundo as Listas eram respectivamente, Manoel Ribeiro negociante de potros vendidos aos negociantes de Minas Gerais, Felipe Joze de Souza e Miguel Francisco. Para os dois últimos o recenseador anotou apenas “*vive de seu negócio*” Essa ocupação apresentou crescimento para nove casos em 1820, sendo sete homens negociantes, entre eles Domingos Roiz Tavares, 44 anos, vivia com a sua esposa e três filhos e uma agregada em seu domicílio. A sua ocupação foi designada como “*vive de negócio de feitos da terra*”⁵⁶ e duas mulheres. Como exemplo, Maria Batista de Siqueira, 42 anos, viúva com três filhos teve a sua ocupação descrita “*vive de seu negócio de venda*”.⁵⁷

Observa-se que no período analisado, 1801 a 1820, houve um predomínio dos não-proprietários sobre os proprietários. Em 1801 eram 47 não proprietários de escravos para 18 proprietários. Em 1803, 50 para 14 respectivamente, aumentando para 73 e 34 em 1805. Em 1809, 97 não proprietários para 67 proprietários. No ano de 1820, 219 chefes de domicílio não possuíam a posse cativa em contrapartida de 160 escravistas.

Os números encontrados em nosso trabalho e as evidências levantadas são confirmados por Costa: “*Os não-proprietários compunham parcela majoritária da população livre*”.⁵⁸

Na Tabela 1.14, temos os não escravistas divididos em sexo e cor. Nota-se que nos três primeiros anos, 1801, 1803 e 1805 a maioria dos não-proprietários (considerando homens e mulheres) era de cor parda. A partir de 1809, com a intensificação das migrações mineiras, a maioria dos não-proprietários (homens e mulheres) passa a ser de cor branca. Chefes de fogo livres negros estão presentes em 1809, sendo dois homens e uma mulher; e em 1829, sendo quatro homens e duas mulheres.

⁵⁵ Fonte: AESP, Listas Nominativas de Habitantes – Franca 1801, 1803, 1805, 1809 e 1820.

⁵⁶ AESP, Listas Nominativas de Habitantes – Franca 1820. Fogo 217

⁵⁷ AESP, Listas Nominativas de Habitantes – Franca 1820. Fogo 110

⁵⁸ Costa, Iraci Del Nero. **Arraia-Miúda. Um estudo sobre os não-proprietários de escravos no Brasil.** MGSP: São Paulo, 1992. p.115.

Tabela 1.14
Distribuição dos não proprietários de escravos conforme o sexo e cor
(Franca 1801 a 1820)

ANOS	1801		1803		1805		1809		1820	
COR/SEXO	M	H	M	H	M	H	M	H	M	H
Números Absolutos	Nº	Nº	Nº	Nº	Nº	Nº	Nº	Nº	Nº	Nº
BRANCO	1	12	1	16	3	30	5	44	13	86
PARDOS	6	28	4	29	4	35	9	36	18	96
NEGRO	0	0	0	0	0	0	1	2	2	4
Total	7	40	5	45	7	65	15	82	33	186
	1801		1803		1805		1809		1820	
COR/SEXO	M	H	M	H	M	H	M	H	M	H
Números Percentuais	%	%	%	%	%	%	%	%	%	%
BRANCO	14	30	20	36	43	46	33	54	46	39
PARDOS	86	70	80	64	57	54	60	44	52	55
NEGRO							7	2	2	6
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Fonte: AESP, Listas Nominativas de Habitantes – Franca 1801, 1803, 1805, 1809 e 1820.

*Excluídos os indivíduos com cores não identificadas

Ao analisar o estado conjugal dos não detentores da posse cativeira, observamos que a maioria dos homens era casada, com percentuais de mais de 80,0% nos três primeiros anos do século XIX, aumentando para 92,0% na segunda década dos oitocentos. Com os solteiros o processo é inverso, em 1805, 11,0% dos homens eram solteiros, em 1820 estes eram apenas 6,0%, ou seja, no momento em que os “entrantes” chegavam ao Nordeste Paulista, a minoria vinham sem famílias desbravar o sertão, vindo a constituir família posteriormente.

Nos anos iniciais do século XIX, encontravam-se poucas mulheres como chefes nos domicílios, assim sendo, ao observarmos as não escravistas por sexo e estado conjugal, notamos que a maioria era de viúvas, ou seja, possivelmente a possibilidade da mulher chegar à chefia do domicílio na maioria das vezes era por ocasião do falecimento do marido.

Tabela 1.15
Distribuição dos não proprietários de escravos conforme o sexo e o estado conjugal
(Franca 1801 a 1820)

ANOS	1801		1803		1805		1809		1820	
ESTADO CONJUGAL	M	H	M	H	M	H	M	H	M	H
Números Absolutos	Nº	Nº	Nº	Nº	Nº	Nº	Nº	Nº	Nº	Nº
SOLTEIRO	3	2	2	5	2	7	0	2	2	11
CASADO	0	34	0	37	0	52	3	75	8	172
VIÚVO	4	4	3	3	5	6	12	5	23	3
TOTAL	7	40	5	45	7	65	15	82	33	186

ANOS	1801		1803		1805		1809		1820	
ESTADO CONJUGAL	M	H	M	H	M	H	M	H	M	H
Números Percentuais	%	%	%	%	%	%	%	%	%	%
SOLTEIRO	43	5	40	11	29	11		2	6	6
CASADO		85		82		80	20	92	24	92
VIÚVO	57	10	60	7	71	9	80	6	70	2
TOTAL	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Fonte: AESP, Listas Nominativas de Habitantes – Franca 1801, 1803, 1805, 1809 e 1820.

*Exclusive os indivíduos com estados conjugais não identificados

Mulheres casadas como chefe de fogo foram encontradas apenas em 1809, 3 casos – Joana Batista, 30 anos parda, pobre; Rosa Maria, 30 anos, branca, lavradora e Ana Maria do Prado, 46 anos, branca, lavradora - e 1820, 8 casos – Januaria de Jesus, 30 anos, parda, pobre; Clara Barbara, 48 anos, parda, agricultora; Maria Francisca, 44 anos, branca, pobre; Antonia Lucinda, 30 anos, branca, agricultora; Zeferina Maria, 31 anos, parda, pobre; Maria Alz, 31 anos, parda, pobre; Barbara Maria Antunes, 43 anos, parda, negociante e Rita Clara de São Camilo, 30 anos, branca e pobre⁵⁹ - nessa situação, muito provavelmente o marido estava ausente e a esposa teria assumido a chefia do domicílio.

Procuramos confrontar dois períodos distintos um no começo do século XIX e outro na segunda década do oitocentos para verificar o dinamismo da ocupação do território, bem como o fluxo da população e sua caracterização.

⁵⁹ AESP, Listas Nominativas de Habitantes – Franca 1801 e 1820.

Referências Bibliográficas

- Bacellar, C.A.P. (2001) Agregados em casa, agregados na roça: uma discussão. In: Silva, M.B.N. **Sexualidade, Família e Religião na Colonização do Brasil**. Lisboa: Livros Horizonte, 2001.
- Bacellar, C. A. P e Brioschi, L. R. (1999) **Na estrada do Anhanguera. Uma visão regional da história paulista**. São Paulo: Humanitas FFLCH/USP.
- Barickman, B.J. (2003) **Um contraponto baiano. Açúcar, fumo, mandioca e escravidão no Recôncavo, 1780 – 1860**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Brioschi, L. R. (1991) **Entrantes no sertão do Rio Pardo: o povoamento da Freguesia de Batatais – século XVIII e XIX**. São Paulo: CERU.
- Cano, W. (2002) **Ensaio sobre a formação econômica regional do Brasil**. Campinas: Editora Unicamp.
- Chiachiri, José Filho. (1973) **Do Sertão do rio pardo a vila Franca do imperador**. Franca. Tese (Doutorado). Faculdade de Filosofia Ciência e Letras, Universidade Estadual Paulista
- Costa, Iraci Del Nero. (1982) **Minas Gerais: estruturas populacionais típicas**. São Paulo: EDEC, 1982.
- Costa, Iraci Del Nero. (1992) **Arraia-Miúda. Um estudo sobre os não-proprietários de escravos no Brasil**. MGSP: São Paulo, 1992.
- Costa, Iraci Del Nero. (1994) **Por uma definição abrangente da categoria Agregado**. Boletim de História Demográfica, São Paulo, FEA-USP, 1 (1).
- Costa, I.D.N e Nozoe, N.H. (1987) **Economia colonial brasileira: classificação das ocupações segundo ramos e setores**. Estudos Econômicos, São Paulo, 17 (1): 69-87, jan./abr.
- Franco, M. S. C. (1997) **Homens livres na ordem escravocrata**. São Paulo: Fundação Editora UNESP.
- Furtado, C. (1995) **Formação econômica do Brasil**. São Paulo: Nacional.
- Holanda. S. B. (1989) **Monções**. São Paulo: Brasiliense.
- Lenharo, A. (1979) **As tropas da moderação: o abastecimento da corte na formação política do Brasil, 1808 – 1822**. São Paulo: Símbolo.
- Luna, F. V. e Klein, H. S. (2006) **Evolução da Sociedade e Economia Escravista de São Paulo, de 1750 a 1850**; tradução: Laura Teixeira Motta. São Paulo: Edusp.
- Luna, Francisco Vidal. (1995) **Areias: posse de escravos e atividades econômicas (1817-1836)**. São Paulo: NEDH – FEA/USP.
- Marcílio, M. L. (2000) **Crescimento Demográfico e Evolução Agrária Paulista 1700-1836**. São Paulo: Hucitec, Edusp.
- Mattoso, K. Q. (1988) **Família e sociedade na Bahia do século XIX**. Tradução: James Amado. São Paulo: Corrupio.
- Oliveira, L. L. (1997) **Economia e História Franca século XIX**. Franca: UNESP-FHDSS: Amazonas Prod. Calçados S/A.
- Petrone, M. T. S. (1968) **A lavoura canavieira em São Paulo: expansão e declínio (1765 – 1851)** São Paulo: Difusão Européia do Livro.
- Prado Jr, C. (1961) **Formação do Brasil Contemporâneo**. Editora Brasiliense.
- Ravagnane, Z. P. O. (1970) **Dados históricos e arqueológicos dos primeiros habitantes do Nordeste Paulista**. Boletim Histórico de ciências correlatas, Franca, Ano II, nº4.

Reis, Déborah O. M. dos. (2004) **Estrutura da posse de escravos nas atividades de subsistência de Araxá (MG), (1776-1848)**. Trabalho apresentado no XIV Encontro Nacional de Estudos Populacionais, ABEP, Caxambu- MG- Brasil.

]Samara, E. M (2005) **Lavoura canavieira, trabalho livre e cotidiano Itu, 1780 - 1830**. São Paulo: Edusp.

Soares, L. O. (2003) **No Caminho dos Goias: formação e desenvolvimento da economia escravista na Mogi Mirim do século XIX**. Dissertação (*Mestrado*). São Paulo: FFLCH/USP.

Tosi, P. G.(1998) **Capitais do interior: Franca e a história da indústria coureiro-calçadista (1860-1945)**. Campinas. Tese (Doutorado) – Instituto de Economia, Universidade Estadual de Campinas.

.